

A vida humana como *problema e projecto*, em J. Ortega y Gasset

Impõe-se-nos assumir, desde início, que não é possível sintetizar em poucas páginas o pensamento de José Ortega y Gasset acerca da vida humana, para assim poder justificar cabalmente o título que escolhemos. Limitar-nos-emos, por isso, a partir da afirmação de que, de modo mais directo ou menos directo, com maior ou menor evidência, todos os escritos deste filósofo contribuem para a tematização da vida humana, que, podendo por isso ser considerada o denominador comum de toda a obra orteguiana, irá constituir, quando esta obra atinge a sua maturidade, o eixo em torno do qual vão girar as principais reflexões gnosiológicas, antropológicas e metafísicas do autor.

Dado que noutros textos e contextos tivemos oportunidade de ilustrar como, desde a publicação do seu primeiro artigo¹, Ortega se vai referindo à Vida (na peculiar acepção de *vida humana*, que é essa que tomaremos aqui), seja a pretexto de temas directamente ligados à sua circunstância espanhola, seja com o fito de aprofundar o seu esforço de conceptualização filosófica, importa-nos hoje começar por destacar, como marca do autor e indissociável do seu conceito de *projecto*, o reconhecimento e afirmação do carácter problemático da vida.

1. PROBLEMA E CIRCUNSTÂNCIA

Usando um tipo de construção tão cara ao filósofo espanhol, podemos dizer que, para ele, não se trata de assinalar que na Vida há problemas e, sim, que a Vida **é um problema** – um problema que tem lugar no ser humano, compreendido este numa espécie de *cenário*, tal como sugere a metáfora de Adão no Paraíso, usada por Ortega num ensaio de 1910 que a ela recorre desde o título (precisamente «Adán en el Paraíso») e em que se sustenta que o Paraíso é “el escenario ubicuo para la tragedia inmensa del vivir”².

A relevância que a categoria de *circunstância* (precedida das de *paisagem* e de *cenário*) vai ter no todo do pensamento orteguiano, e nomeadamente na sua

¹ Cf. ORTEGA Y GASSET, José – «Glosa. – A Ramón del Valle-Inclán», in *Obras completas*. Tomo I, Madrid: Taurus/FJOG, 2004, pp. 3-4. Doravante, os 10 volumes desta edição de *Obras completas* (publicados entre 2004 e 2010) serão referidos através da abreviatura *Oc*, seguida do n.º do tomo, indicado em numeração romana.

² IDEM – «Adán en el Paraíso», in *Oc*, II, p. 76.

meditação acerca da vida humana, compreende-se a par das posições do nosso autor quanto à fenomenologia husserliana (primeiramente, uma posição de grande expectativa; depois, uma posição de crítica aos riscos de idealismo), pois Ortega sentiu desde muito jovem uma forte necessidade (mesmo um imperativo ético do seu ser ou estilo intelectual) de procurar uma forma nova de apreender o problema da vida humana sem eliminar esta na sua essencial problematicidade.

Se, em 1913 – o ano, note-se, em que Husserl publica *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie* –, Ortega se mostra, tanto no discurso intitulado «Sensación, construcción e intuición»³, como nos escritos «Sobre el concepto de sensación»⁴, em processo de emancipação do neokantismo, graças ao valor que descobre no método fenomenológico (e em que a categoria de “Erlebnis”, por si traduzida por *vivencia*, se lhe revela preciosa⁵), um ano depois apenas, no «Ensayo de estética a manera de prólogo»⁶, com a defesa dos direitos do *eu executivo*, e, sobretudo, no livro *Meditaciones del*

³ Cf. IDEM – «Sensación, construcción e intuición», in *Oc*, I, pp. 642-652.

⁴ Cf. IDEM – «Sobre el concepto de sensación», in *Oc*, I, pp. 624-638.

⁵ Num contexto de apresentação do fundamental do método fenomenológico aos seus compatriotas, Ortega, a propósito da *consciência – intencional*, podemos nós qualificar – como sendo o *plano das vivências*, introduz uma nota que tem um significado muito importante na filosofia propriamente orteguiana. Nessa nota o autor menciona uma questão terminológica, para a qual pede ajuda aos que se interessam pela filosofia espanhola e aos filósofos. Trata-se do problema da tradução do termo “Erlebnis”, na língua alemã, pelo espanhol “vivencia” que Ortega, por ela responsável, enunciou assim: “Esta palabra, “Erlebnis”, fue introducida, según creo, por Dilthey. Después de darle muchas vueltas durante años esperando tropezar algún vocablo ya existente en nuestra lengua y suficientemente apto para transcribir aquélla, he tenido que desistir y buscar una nueva.” – *Ibid.*, p. 634, n.1. O que em seguida apresenta para justificar a tradução preferida merece a nossa maior atenção, pois parece sintetizar bem, quer um afastamento inequívoco do neokantismo, quer uma reflexão própria em que a fenomenologia husserliana é ponto de partida para uma doutrina original sobre a realidade radical. Diz Ortega que “en frases como «vivir la vida», «vivir las cosas», adquiere el verbo «vivir» un curioso sentido. Sin dejar su valor de deponente toma una forma transitiva significando aquel género de relación inmediata en que entra o puede entrar el sujeto con ciertas objetividades. Pues bien, ¿cómo llamar a cada actualización de esta relación? Yo no encuentro otra palabra que «vivencia». Todo aquello que llega con tal inmediatez a mi yo que entra a formar parte de él es una vivencia. Como el cuerpo físico es una unidad de átomos, así es el yo (...) una unidad de vivencias.” – *Ibid.*. O apelo que aqui é feito a *cada actualização* da relação entre um sujeito e certos objectos para definir uma *vivência*, bem como a ideia de que essa relação *faz parte* do meu eu podem ser lidos como antecipações das formulações especificamente orteguianas, primeiro da vida como o que cada ser humano faz numa dada circunstância e, mais tarde, desta vida individual como a realidade radical.

⁶ Cf. IDEM – «Ensayo de estética a manera de prólogo», in *Oc*, I, pp. 664-680.

*Quijote*⁷, com as diversas teses que culminam aí na doutrina da circunstância, já o nosso filósofo, embora comungando preocupações e categorias de inspiração fenomenológica, se demarca, com uma precocidade incomparável, do idealismo da consciência transcendental husserliana e assume, como encargo filosófico original, abordar a vida humana como supremo problema.

Doravante, a inseparabilidade entre *eu* e *circunstância*, não apenas permitirá conceber esta última como integrante da pessoa, como trará à pessoa a incumbência de desvelar o sentido, quer do *eu*, quer da *circunstância*. Em grande medida, é esta tarefa irrecusável o que leva Ortega a encarar a vida como um *ofício*, ou seja, uma ocupação em que devemos empenhar-nos muito seriamente, como propôs na conferência «Vieja y nueva política»⁸, que tanta notoriedade trouxe ao filósofo espanhol. Seja sob a forma simbólica de Adão, seja sob a forma do herói (exemplar na dimensão de *vontade de aventura* de D. Quixote), é a vida humana, enquanto problema individual que escapa às leis gerais das ciências, que se converte em questão filosófica, exigente de explicitação e de justificação.

No entanto, essa exigência a que Ortega chamará *salvar* a circunstância, isto é, procurar o seu sentido⁹, transforma-se na tarefa prioritária, não apenas do autor da fórmula “Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo”, mas de todo o ser humano, pois disso depende a realização do seu *destino concreto*¹⁰.

A vida humana, cuja noção foi desde cedo associada por Ortega ao individual, à singularidade, inconfundível com a vida no reino da natureza que as generalizações das leis físicas apreendem¹¹, destaca-se pela especificidade de um ser que, por um lado, não é um mero organismo, nem um “grado en la escala zoológica, puesto que es él quien construye la escala entera”¹², e, por outro lado,

⁷ Cf. IDEM – *Meditaciones del Quijote*, in *ibid.*, pp. 745-825.

⁸ Cf. IDEM – «Vieja y nueva política», in *ibid.*, p. 712.

⁹ Ortega caracteriza as suas *Meditaciones del Quijote* como “lo que un humanista del siglo XVII hubiera denominado «salvaciones»” – *Meditaciones del Quijote*, in *ibid.*, p. 747 – e ao longo do texto recorrerá ao substantivo “salvación” e ao verbo “salvar” para traduzir, quer a busca do sentido pleno de um tema, ou de uma realidade, quer o respectivo acto de o buscar.

¹⁰ Cf. *ibid.*, pp. 756-757.

¹¹ Cf., ex., IDEM – «Adán en el Paraíso», in *Oc*, I, p. 66.

¹² IDEM – «La pedagogía social como problema político», in *Oc*, II, p. 93.

pode escolher ser protagonista da sua vida, cumprindo os requisitos de ânimo e de capacidade de esforço que distinguem a heroicidade humana, tal como Ortega a caracteriza em *Meditaciones del Quijote*. Se, como aqui é afirmado, *heróis* são aqueles que *querem ser eles mesmos*¹³, a concepção de *vida humana como vida particular* confunde-se praticamente com a de *vida humana como fidelidade ao ser único que se quer ser*. E surge, então, a pergunta “¿Cómo hay modo de que lo que no es – el **projecto** de una aventura – gobierne y componga la dura realidad?”¹⁴, pergunta que nos coloca no limiar da doutrina orteguiana da Vida como *projecto* e como *obrigação de autenticidade*.

2. AUTENTICIDADE E PROJECTO

Numa secção de *El Espectador I* (publicado em 1916) intitulada «Ensayos de crítica», Ortega incluiu um seu escrito dedicado a Pío Baroja, em que um tema de aparente crítica literária se transforma numa reflexão sobre diversos aspectos integrantes da sua teoria da vida humana. Em «Ideas sobre Pío Baroja»¹⁵, pois deste ensaio se trata, o novelista de San Sebastián começa por ser caracterizado através de uma quase *predilecção* por escrever sobre criaturas inconformadas com a estabilidade, e a monotonia até, de viver segundo o que é a regra numa época dominada pelo valor da eficácia. Do seu estilo, Ortega destaca uma sensibilidade inovadora, que tende a apreciar a vida, sobretudo, pelo seu movimento inquieto e algo rebelde. Nomeadamente no *tema do vagabundo* em Pío Baroja é possível depreender como, mesmo numa vida errante, pode haver a nobreza e a dignidade de querer ser fiel a um destino individual, ainda que seja preciso pagar o preço da inadaptação e da renúncia ao reconhecimento social¹⁶. Contudo, reportando-se a *Memorias de un hombre de acción*, Ortega considera que é no *tema do aventureiro* que Baroja encontra o dinamismo da vida num

¹³ Cf. IDEM – *Meditaciones del Quijote*, in *Oc*, I, p. 816.

¹⁴ *Ibid.*. (O sublinhado é nosso.)

¹⁵ Cf. IDEM – «Ideas sobre Pío Baroja», *El Espectador I*, in *Oc*, II, pp. 211-241.

¹⁶ Num outro texto sobre Pío Baroja, Ortega tinha escrito: “El vagabundo no vaga el mundo por motivos externos (...) Es un Don Juan de los pueblos, de los oficios y de los paisajes. Atraviesa todos los medios sin fijarse en ninguno. Tiene el alma dinámica de una flecha que en el aire hubiera olvidado su blanco.” IDEM – «Una primera vista sobre Baroja (Apéndice)», in *ibid.*, p. 261.

grau ainda superior, já que “el libertarse de las cosas huyendo de ellas, como hace el vagabundo, representa el grado ínfimo.”¹⁷

Não nos detenhamos, porém, nessas análises sobre as preferências temáticas de Pío Baroja e, sim, numa espécie de parêntesis aberto por Ortega, ao interrogar-se sobre quais as obras literárias interessantes. Para responder, expõe o que ocorre no leitor e nos seres humanos de um modo geral, por volta dos trinta anos, a saber, uma mudança profunda que obriga a fazer um *balanço vital* e a procurar viver de acordo com um *imperativo de verdade*. “A los veinte años se lee como se vive: añadiendo unidades nuevas a nuestro cúmulo de ideas y pasiones. Mas ya a los treinta años sospechamos que no es lo decisivo el número bruto de unidades, sino el debe y el haber. (...) Se trata de un negocio sentimental que ha de solventarse por medio de íntimas ponderaciones.”¹⁸ Este primeiro face a face de cada um de nós com a sua vida é, escreve Ortega, *inevitável* e dá-se no momento em que, deixando de nos ser suficiente almejar ao que até então julgávamos melhor, começamos a *querer ser o que somos, a verdade do que somos*, mesmo com consciência dos nossos defeitos. Nesse momento, rompemos com as opiniões e os pensamentos recebidos do exterior e interpelamos um *fundo insubornável* que há em nós, um fundo de convicções próprias tão fortes que, diz o nosso autor, a convicção científica comparada com elas parece superficial.¹⁹

Entrelaçando-se no texto com diferentes comentários à obra de Pío Baroja, a meditação orteguiana sobre a Vida mobiliza a ideia de *balanço vital* também para compreender o ser humano como alguém *que vai pedindo à sua existência contas claras do seu sentido*²⁰. “Llámesele alma, conciencia, espíritu o como se quiera, *eso que somos* consiste en un haz de actividades, de las cuales unas se ejecutan y otras aspiran a ejercerse”²¹. Apesar de algum risco de eventual interpretação mecanicista, Ortega usa o termo *actividade* e, prosseguindo o

¹⁷ IDEM – «Ideas sobre Pío Baroja», *El Espectador I*, op. cit., p. 215.

¹⁸ *Ibid.*, p. 216.

¹⁹ Cf. *ibid.*.

²⁰ Cf. *ibid.*, p. 222.

²¹ *Ibid.*, p. 221.

esforço de explicitação de modos possíveis de cada um de nós *reabsorver a sua circunstância* que encetara em *Meditaciones del Quijote*, apresenta, em «Ideas sobre Pío Baroja», uma definição de Vida a partir da caracterização do ser humano como “un potencial de actos”: “vivir, es ir dando salida a ese potencial, es ir convirtiéndolo en actuación”.²² Combinando esta concepção com a de *fundo insubornável* ou *núcleo último e individualíssimo da personalidade*²³, o filósofo revaloriza a ideia de vida – como escolha e lealdade a um fundo vital – que estruturara desde sempre as suas intervenções na vida pública espanhola, mas que a partir de 1916 se torna objecto de reflexão específica, da qual decorre a ideia clara de que o ser humano, ao viver, deve ser capaz de optar de maneira a que a sua acção seja conforme à sua realidade íntima.

Essa dimensão de realidade interior, que é comparada por Ortega com o *eu profundo* em Bergson²⁴, equivale noutros escritos do nosso autor ao que cada um é como projecto. Referimo-nos primeiramente a «Estética en el tranvía»²⁵, que, não obstante a sua brevidade, é um texto de 1916 importante para o nosso tema, pois nele Ortega sustenta que em todos os domínios da nossa experiência de vida cada um de nós apenas deve ser julgado pelo que realiza do projecto que é. Afirma-o na sequência de uma reflexão (estética) sobre a beleza dos rostos femininos e da sugestão de que, assim como o rosto individual parece incluir um *ideal de rosto* que se realiza – mais, ou menos – nas diferentes partes daquele *rosto concreto*²⁶, também cada ser humano parece ter uma *silhueta moral* que constitui o limite de possibilidade, a plenitude ou a perfeição²⁷ do seu carácter individual e que os seus actos preenchem mais, ou menos. Por isso concluirá: “No midamos, pues, a cada cual sino consigo mismo: lo que es como realidad con lo que es como proyecto”²⁸. Quer dizer, a condição de cada pessoa, a sua exigência

²² *Ibid.*.

²³ Cf. *ibid.*, p. 225.

²⁴ Cf. *ibid.*.

²⁵ Cf. IDEM – «Estética en el tranvía», *El Espectador I*, op. cit., pp. 176-182.

²⁶ Cf. *ibid.*, p. 180.

²⁷ Cf. *ibid.*, p. 181.

²⁸ *Ibid.*.

profunda de autenticidade e, por conseguinte, o padrão de medida da sua realidade mostram-se radicados no projecto próprio, o que permite compreender a fórmula de Píndaro *Chega a ser quem és*²⁹ enquanto resumo do grande imperativo da vida humana.

As noções de viver como *manifestação de um fundo íntimo* e de *realização do que cada ser humano é como projecto* percorrerão toda a obra posterior de Ortega, desde os primeiros anos da década de vinte, em que o filósofo apela com frequência ao conhecimento biológico e procura realizar com base nele uma descrição do núcleo íntimo do ser humano, até às obras de plena maturidade, em que, sobretudo a partir de 1929, a descrição dá lugar a uma análise conceptual de toda a estrutura da vida e, em função dela, a razão vital e histórica vai ser justificada, face nomeadamente a Dilthey e a Heidegger, com originalidade.

3. Naufrágio e vocação

Mais de década e meia depois de «Estética en el tranvía», Ortega iria reelaborar a sua reflexão sobre a **vida como projecto**, num escrito intitulado «Pidiendo un Goethe desde dentro»³⁰, que redigiu, por ocasião do primeiro centenário da morte de Goethe, para a revista de Berlim *Die neue Rundschau* e que a *Revista de Occidente*, num número dedicado ao autor alemão, publicou em Abril de 1932. A plurifacetada crise europeia, que Ortega diagnosticara dois anos antes, em *La rebelión de las masas*³¹, fundava já a impressão de que os métodos tradicionais se tinham tornado incapazes de proporcionar a solução para os problemas actuais naquela época. Por isso, escreve o nosso autor, a incerteza, o atributo de perigo julgado apanágio do futuro revela-se subitamente em relação ao passado, ao que era dado como seguro ou como herança garantida de que se poderia desfrutar. E sem um passado reconhecido como *arsenal de instrumentos*, como repositório de *clássicos* a partir dos quais se espera poder viver, isto é,

²⁹ Cf. *ibid.*. Todas as concepções éticas orteguianas acabam por poder traduzir-se neste mesmo imperativo de autenticidade, o que leva o filósofo a repetir várias vezes a citação da mesma frase de Píndaro. Sempre nos pareceu igualmente valioso o adágio português *Quem quer ser o que não é, nem o que é chega a ser*.

³⁰ Cf. ORTEGA Y GASSET, José – «Pidiendo un Goethe desde dentro. – Carta a un alemán», in *Goethe desde dentro*, in *Oc*, V, pp. 120-142.

³¹ Cf. IDEM – *La rebelión de las masas*, in *Oc*, IV, pp. 347-528.

resolver os nossos problemas, a vida mostra-nos sem reservas a sua faceta constituinte de *perigo*, de *naufrágio*. Com uma tal experiência, Ortega podia assacar à crise europeia estar impedido de celebrar a efeméride de Goethe com um escrito *de centenário*, quer dizer, do tipo que é habitual esperar em tais ocasiões mas que não passaria, enfim, de meras frases indiferentes à vida de então. Nota, porém, que a grande virtualidade daquela, como de todas as crises, está em que na “hora del peligro, la vida sacude todo lo que en ella es inesencial, excrecencia, tejido adiposo, y procura desnudarse, reducirse a lo que es puro nervio, puro músculo.”³² A Vida, que é substantivamente insegurança profunda ou *naufrágio*, tem na sensação de perda, na consciência do perigo em que a Vida consiste o seu princípio de salvação, tanto no plano individual, como no plano colectivo, pelo que a própria Europa se poderia salvar se houvesse o que designa *contracção ao essencial, consciência do naufrágio ou verdade da vida*³³.

Entende-se, portanto, que ao reflectir sobre o momento em que é chamado a escrever algo sobre Goethe, o pensador espanhol proponha que se coloque o homenageado perante um *tribunal de náufragos* e se procure justificá-lo, como deve fazer-se com qualquer clássico, confrontando-o com a vida autêntica.³⁴ Ortega considera que para se compreender bem o poeta alemão é necessário *um Goethe a partir de dentro*, ou seja, em vez de elaborar uma biografia sob uma *óptica monumental*³⁵, solene, exterior, distante de Goethe, impõe-se partir de dentro da sua vida, o que, por sua vez, obriga a perguntar *quem é Goethe*.

A questão é extremamente apelativa para o filósofo, que a vai tomar e, de certo modo, estender a cada um de nós, através da pergunta pelo nosso próprio *eu*. Não se trata de *que sou eu?*, mas de *quem sou eu?*, pelo que não se identifica com um corpo, com uma alma, com um carácter determinados, que encontramos como a terra em que nascemos, a sociedade em que nos movemos ou,

³² Cf. IDEM – «Pidiendo un Goethe desde dentro. – Carta a un alemán», in *Goethe desde dentro*, op. cit., p. 122.

³³ Cf. *ibid.*.

³⁴ Cf. *ibid.*, p. 122.

³⁵ Cf. *ibid.*, pp. 123-124.

eventualmente, a fortuna herdada dos pais.³⁶ O *eu* que cada um é não se pode confundir com uma coisa; libertando-se dos extremismos, quer realistas, quer idealistas, Ortega sustenta que é necessário “aprender a libertarse de la sugestión tradicional que hace consistir siempre la realidad en alguna *cosa*, sea corporal, sea mental”³⁷, ao mesmo tempo que defende que eu sou quem tem de viver *com* e *entre* as coisas, e não uma vida qualquer, mas uma vida marcada por um *projecto vital*: “Vida significa la inexorable forzosidad de realizar el proyecto de existencia que cada cual es”³⁸ ou, por outras palavras, “conseguir ser de hecho lo que somos en proyecto”³⁹.

Para além disso, o autor esclarecera já anteriormente, em «No ser hombre de partido» (de 1930), que esse projecto em que o eu consiste não é um plano ideado pelo ser humano; não depende completamente da sua inteligência e da sua vontade, e, no entanto, é o seu autêntico *ser* ou *destino*.⁴⁰ *Eu* sou, segundo esta concepção, um determinado projecto vital, algo que – queira, ou não, possa, ou não concretizar –, tenho de ser. Por conseguinte, a nossa vida é uma *luta* por realizar de facto o que somos em projecto. E, dado que na vida podemos, ou não, chegar ao que inexoravelmente somos, ela tem uma *condição trágica*⁴¹. Na medida em que implica luta com as coisas e, por outro lado, luta com o carácter e a vontade próprios, a vida humana é, como depois se reafirmará em «Pidiendo un Goethe desde dentro», constitutivamente um *drama*⁴², com o seu argumento.

Em 1946, tornar-se-ia mais precisa esta ideia, quando, procurando entender a vida de Goya, o nosso filósofo escreve que uma vida humana “no es nunca una sarta de acontecimientos, de cosas que pasan, sino que tiene una

³⁶ Cf. *ibid.*, p. 124.

³⁷ *Ibid.*. Note-se que esta afirmação tinha sido feita anteriormente pelo autor, na primeira parte do artigo, publicado em *La Nación*, em 1930, sob o título «No ser hombre de partido» – cf. in *Oc*, IV, p. 307.

³⁸ IDEM – «Pidiendo un Goethe desde dentro. – Carta a un alemán», in *Goethe desde dentro*, op. cit., p. 124.

³⁹ *Ibid.*, p. 125.

⁴⁰ Cf. IDEM – «No ser hombre de partido», op. cit., pp. 308-309.

⁴¹ Cf. *ibid.*, p. 308.

⁴² Cf. *ibid.*; e IDEM – «Pidiendo un Goethe desde dentro. – Carta a un alemán», in *Goethe desde dentro*, op. cit., p. 125.

trayectoria con dinámica tensión, como la que tiene un drama. Toda vida incluye un argumento. Y este argumento consiste en que algo en nosotros pugna por realizarse y choca con el contorno a fin de que éste le deje ser.”⁴³ Esta ideia que Ortega sustenta até aos últimos textos é uma das que melhor distinguem a sua concepção da Vida como o que fazemos para darmos cumprimento ao que, à margem da nossa vontade e numerosas vezes contra a nossa vontade, somos.

Como auxílio para a compreensão da doutrina da vida como projecto, serve-nos também o *sentido balístico* que existe na palavra *projecto* e para o qual o filósofo de Madrid alertou com frequência, falando do carácter de *projéctil* da vida, embora esta seja, por outro lado, a escolha do alvo a atingir: o que na vida está lançado pelo âmbito da existência é projéctil e não depende do nosso arbítrio; a este cabe, porém, a decisão do alvo para o qual dirigir o projéctil.⁴⁴ Então, uma vez que o que verdadeiramente somos nos impõe a sua execução e como que procura alojar-se na sua circunstância, *eu* e *mundo* aparecem unidos por um *dinamismo dramático*⁴⁵.

Quer dizer, a intuição orteguiana, que depois de esboçada em «Adán en el Paraíso» foi traduzida na mais divulgada fórmula de *Meditaciones del Quijote* e retomada ao longo de toda a obra de Ortega, esclarece-se, nos finais da década de vinte e inícios dos anos trinta, graças à tematização do carácter programático do que chamamos *eu*.

Eu sou uma peculiar *pressão* sobre o mundo e este, por seu turno, pode definir-se como *resistência* também determinada àquela pressão.⁴⁶ É desta relação dinâmica, umas vezes favorável, outras desfavorável, que depende o valor que qualifica tudo o que nos caracteriza (corpo, alma, carácter, circunstância), bem como dependem, por conseguinte, as diferenças de situação de todos os seres humanos, um por um. Se não é nova a ideia de vida como intervenção⁴⁷ do

⁴³ IDEM – *Goya*, in *Oc*, IX, p. 805.

⁴⁴ Cf., ex., IDEM – «Intimidades», *El Espectador VII*, in *Oc*, II, pp. 736-737.

⁴⁵ Cf. IDEM – «Pidiendo un Goethe desde dentro. – Carta a un alemán», in *Goethe desde dentro*, op. cit., p. 125.

⁴⁶ Cf. *ibid.*.

⁴⁷ A ideia de *intervenção* chega a confundir-se com a de *invasão*, como nesta passagem de um texto de 1922: “La vida no es recepción de lo que pasa fuera; antes por el contrario, consiste en pura actuación; vivir es intervenir; por lo tanto, un proceso de dentro afuera, en que invadimos el10

homem na sua circunstância, ela reveste-se de novo interesse no pensamento orteguiano, quando este lhe faz corresponder a fidelidade ou, pelo contrário, a traição ao peculiar *programa de existência* em que autenticamente consiste cada um ou cada uma de nós.

Com efeito, o ser humano é livre de realizar, ou não, esse programa ou projecto, a que é possível chamar também *vocação*⁴⁸. Daí que, por um lado, o problema ou o drama que a vida é se agudize quando não somos capazes de sofrer por esse destino próprio⁴⁹; nesse caso, a nossa vida real desfigura o que poderíamos ser em autenticidade. Por outro lado, quando atendemos a essa espécie de convocatória íntima a cumprir o nosso projecto de ser a que Ortega chama *vocação*⁵⁰, somos criadores de uma realidade inconfundível: a vida própria, cujas orientações não resultam de um *dever genérico* de tipo kantiano⁵¹

contorno con actos, obras, costumbres, maneras, producciones según el estilo originario que está prescrito en nuestra sensibilidad.” - IDEM –«Temas de viaje», *El Espectador IV*, in *Oc*, II, p. 497.

⁴⁸ Cf. IDEM – «Pidiendo un Goethe desde dentro. – Carta a un alemán», in *Goethe desde dentro*, op. cit., p. 126.

⁴⁹ “(...) quien renuncia a ser el que tiene que ser, ya se ha matado en vida, es el suicida en pie. Su existencia consistirá en una perpetua fuga de la única realidad auténtica que podía ser. Nada de lo que hace lo hace directamente por sincera inspiración de su programa vital, sino, al revés, cuanto haga lo hará para compensar con actos adjetivos, puramente tácticos, mecánicos y vacíos, la falta de un destino auténtico.” - IDEM – «No ser hombre de partido», op. cit., p. 309. “*Uno* no puede prescindir de *uno*. Nuestro *yo* es nuestro irreparable destino.” - IDEM – *La idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva*, in *Oc*, IX, p. 1056.

⁵⁰ O pensamento orteguiano propõe a reabilitação do conceito de *vocação* que reaparece em «Pidiendo un Goethe desde dentro» com o sentido proposto num texto de três anos antes: “No hay vida sin vocación, sin llamada íntima. La vocación procede del resorte vital, y de ella nace, a su vez, aquel proyecto de sí misma, que en todo instante es nuestra vida.” - IDEM – «Intimidades», *El Espectador VII*, in *Oc*, II, p. 748. Nesta como noutras ocasiões, o autor sublinha a diferença de extensão do conceito quando usado apenas em relação ao cargo e à carreira profissional de alguém. “A veces la vocación del individuo coincide con las formas de vida, que se denominan según los oficios o profesiones. Hay individuos que, en efecto, son vitalmente pintores, políticos, negociantes, religiosos. Hay muchos, en cambio, que ejercen esas profesiones sin *serlas* vitalmente” - *Ibid.*. No texto de uma conferência de 1935, encontramos uma das definições que consideramos mais claras do conceito em análise, nele se reunindo diversos elementos fundamentais da teoria da vida de Ortega: “Esta llamada que hacia un tipo de vida sentimos, esta voz o grito imperativo que asciende de nuestro más radical fondo, es la vocación.” - IDEM – «Misión del bibliotecario», in *Oc*, V, p. 350.

⁵¹ Ortega refere-se-lhe assim, demarcando-se por completo dessa concepção kantiana: “No, no; el deber no es único e genérico. Cada cual traemos el nuestro inalienable y exclusivo. Para regir mi conducta Kant me ofrece un criterio: que quiera siempre lo que otro cualquiera puede querer. Pero esto vacía el ideal, lo convierte en un mascarón jurídico y en una careta de facciones mostrencas. Yo no puedo querer plenamente sino lo que en mi brota como apetencia de toda mi individual persona.” - IDEM – «Estética en el tranvía», *El Espectador I*, op. cit., p. 181. “No se confunda (...) el *deber ser* de la moral, que habita la región intelectual del hombre, con el imperativo vital: con el *tener que ser* de la vocación personal, situado en la región más profunda y 11

mas se coadunam com um *imperativo vital*, profundo e primário, respeitando o qual a nossa *vida efectiva* coincide com a nossa *vida-projecto*. Em suma, viver humanamente impõe-nos, não apenas a decisão em cada instante do que havemos de fazer no seguinte, mas ainda descobrir e realizar, por entre as vicissitudes da vida concreta, o nosso próprio projecto de ser.⁵²

primaria de nuestro ser. (...) Si el intelecto humano funciona, es ya para resolver los problemas que le plantea su destino íntimo." - IDEM - «Pidiendo un Goethe desde dentro. - Carta a un alemán», in *Goethe desde dentro*, op. cit., p. 130.

⁵² Isso aumenta a responsabilidade da decisão individual da própria vida, relacionando-a com a descoberta do seu peculiar projecto vital e não a subordinando, nem a um *dever ser* universal, nem a qualquer trajecto indubitável previamente estabelecido pelo ser humano: "Para la planta, el animal o la estrella, vivir es no tener duda alguna respecto de su propio ser. Ninguno de ellos tiene que decidir ahora lo que va a ser en el instante inmediato. Por eso su vida no es drama, sino... evolución. Pero la vida del hombre es todo lo contrario: es tener que decidir en cada instante lo que ha de hacer en el próximo y, para ello, tener que descubrir el plan mismo, el proyecto mismo de su ser." - *Ibid.*, p. 131. Cf. IDEM, «Adán en el Paraíso», op. cit., p. 479.